

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : GM

CLASS. : 58

DATA : 26 06 90

PG. : 16

FLORESTA AMAZÔNICA

Área desmatada sobe para 8% e pode ser comparada ao tamanho da Suécia

por Christina Lamb do Financial Times

O desmatamento da floresta tropical amazônica é mais extenso do que previamente admitido, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

O Instituto afirma que 8% da floresta tropical da região amazônica, definida pelo governo brasileiro, foi destruídas, em vez dos 5,6% anunciados em abril.

Os dados são de que há 404 mil quilômetros quadrados de área desmatada — uma superfície equivalente ao tamanho da Suécia ou a queimar uma área do tamanho de um campo de futebol cada dois segundos durante um ano. O novo total resulta da utilização de técnicas mais sofisticadas de observação por satélite e da análise de partes da floresta que não foram estudadas detalhadamente.

Philip Fearnside, do Ins-



Philip Fearnside

tituto Brasileiro de Estudos Amazônicos, disse que os dados indicam que a situação está cada vez mais grave, com sérias implicações sobre o efeito estufa.

Estes dados ainda são inferiores a informações de alguns ambientalistas de que até 14% dos 5 milhões de quilômetros quadrados

da Amazônia foram destruídos.

“O governo continua a fazer os mesmos erros que a antiga administração Sarney”, disse Fearnside. Eles estavam incluindo a região do Cerrado no total de área desmatada, sem contabilizar os estragos feitos ali. “Na verdade, a área total de floresta erradicada está entre 11 e 12%”, disse ele.

José Goldemberg, ministro da Ciência e Tecnologia, disse no Simpósio de Sensoriamento Remoto, ontem em Manaus, que a estimativa do governo sobre desmatamento devido a queimadas ilegais era de 30 mil quilômetros quadrados, contra 24 mil quilômetros quadrados por ano em média desde 1978. Devido a fortes chuvas este ano, a cifra para 1989 era inferior à de 1987, a mais elevada.

Goldemberg fez um apelo para que o mundo industrializado ajude o Brasil a combater o problema por

meio da troca de parcelas da dívida externa por investimentos em projetos ambientais.

O governo do presidente Fernando Collor de Mello se comprometeu a pôr um fim ao desmatamento e lançou um programa com ampla cobertura publicitária que consiste em mandar o Exército proteger a floresta e dinamitar as pistas de pouso usadas pelos garimpeiros na região habitada pelos índios ianomami.

Mas Fearnside se queixou de terem de lidar com um problema subjacente. “Eles somente dinamitaram 12 das 136 pistas de pouso conhecidas, e cinco delas já foram reconstruídas. Isso tem um efeito prático muito menos abrangente do que destruir os motivos de desmatamento, o que poderia ser feito, por exemplo, com a taxa de impostos sobre especulação imobiliária”, segundo Fearnside.

O Amazonas apresenta a maior taxa

O desmatamento da Amazônia aumentou 46 mil quilômetros quadrados entre 1988 e 1989, fazendo com que a área total desmatada na região passasse para cerca de 400 mil quilômetros quadrados. O estado que mais contribuiu para esse resultado no ano passado foi o próprio Amazonas, cuja área devastada passou de 16 mil quilômetros quadrados em 1988 para 29 mil quilômetros quadrados em 1989, conforme dados apresentados ontem pelo secretário de Ciência e Tecnologia, José Goldemberg, na abertura do VI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto.

O crescimento assustador do desflorestamento no estado do Amazonas foi uma surpresa para os cientistas da área ambiental. Há dois anos, o corte de florestas no estado praticamente inexistia, e a atenção estava voltada para

Rondônia e Pará, onde vinha sendo registrada a maior derrubada de árvores entre os nove estados da Amazônia Legal — Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Maranhão e Mato Grosso, informa a Agência Brasil.

Os 400 mil quilômetros de desflorestamento da região amazônica são constituídos pelo desmatamento antigo, que considera as derrubadas realizadas até 1975, e a devastação registrada após esse período, que se tornou o cerne das discussões entre os ambientalistas. Os dados iniciais apontam uma devastação em função da própria exploração da região, com a abertura de grandes estradas, onde o Maranhão foi um dos campeões. Conforme o levantamento do INPE, dos 38 mil quilômetros quadrados desflorestados no estado, 61 mil quilômetros

quadrados foram derrubados até 1975. A devastação verificada após esse ano se refere ao desflorestamento provocado por políticas econômicas que desconsideraram a questão preservacionista. Nesse contexto, o Pará bateu o recorde com o corte de 108 mil quilômetros quadrados de floresta entre 1975 e 1989, elevando o seu desflorestamento total para 140 mil quilômetros quadrados. Um outro estado preocupante era Rondônia, que registra nesse mesmo período uma perda de 31 mil quilômetros quadrados na sua cobertura florestal. Nos últimos três anos, para alívio dos ambientalistas, esses dois estados reduziram a devastação. O Pará derrubou 12 mil quilômetros quadrados e Rondônia 2 mil no ano passado.

Os dados apresentados pelo secretário da Ciência e Tecnologia estavam sendo

aguardados pela comunidade científica com expectativa, na medida em que há muita diversidade sobre os números de vários organismos internacionais.

O secretário da Ciência e Tecnologia apresentou alguns dados que indicam que o Brasil não pode ser o bode expiatório do mundo com a questão ambientalista na Amazônia. Segundo ele, as emissões de dióxido de carbono (CO2) em todo o mundo atingem 6,6 bilhões de toneladas por ano. Desse total, o Brasil contribui com 5,1% — 336 milhões de toneladas —, sendo 1,5% proveniente da queima de combustíveis fósseis (derivados do petróleo) e 3,6% da derrubada de florestas. Ressaltou que os combustíveis fósseis respondem por 81% do total das emissões de dióxido de carbono, sendo que os Estados Unidos são responsáveis por 20% desse total.